

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA, ANTÓNIO CANAS,
LUÍS MIGUEL CAROLINO, JOÃO CARLOS BRIGOLA

**DOIS VULTOS PORTUGUESES
NOS ALVORES
DA MODERNIDADE CIENTÍFICA
ou a marca de um quinto centenário**



**A TRADIÇÃO RENASCENTISTA NA MUSEOLOGIA NATURALISTA
DO SÉC. XVIII - DOS 'HORTOS MEDICINAIS'
AOS 'HORTOS BOTÂNICOS'**

*João Carlos Brigola**

Garcia da Orta foi uma das referências dos naturalistas portugueses de Setecentos, não só pelo conteúdo dos seus textos como pelo exemplo de, em Goa, ter criado um 'horto' onde cultivava os 'simples' - as plantas medicinais - e aclimatava as espécies vegetais exóticas. Este tipo de 'horto' renascentista criou, pois, uma tradição cultural apesar de não apresentar um carácter de generalização e de carácter científico a que aspiravam os 'hortos' botânicos do séc. XVIII. Serviam apenas para o estudo das plantas nos seus usos terapêuticos. Depois de se referirem as iniciativas naturalistas no período de D. João V (1707-1750), apresenta-se o primeiro jardim botânico português de iniciativa régia - o Real Jardim Botânico da Ajuda, iniciado em 1764 e ainda hoje aberto ao público.

* Departamento de História e Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, da Universidade de Évora (jcpb@uevora.pt).

1. Coligindo elementos que lhe permitissem comprovar a curiosidade pela história natural, em Portugal, nas primeiras décadas do século XVIII, Rómulo de Carvalho ¹ detecta os primeiros traços de uma tendência intelectual, protagonizada por naturalistas e coleccionadores europeus, que haveria de se acentuar com o decorrer do século: o interesse científico pela fauna, flora e geognose da Lusitânia e dos seus territórios coloniais. A nossa flora despertara já no século anterior a atenção do médico alemão Gabriel Grisley que possuía um horto botânico em Lisboa. Tendo reconhecido a importância médica e farmacológica desta iniciativa, D. João IV, em Alvará de 8 de Maio de 1652, ordenava aos seus vedores da fazenda que passassem os despachos necessários para que o médico alemão pudesse usufruir a horta a que se referia na sua petição, para plantar nela as *ervas de que trata pella commua utilidade do Reino. (...)* ². Grisley publicaria em 1661 a obra *Viridarium Lusitanicum* que ficou a constituir a nossa primeira Flora ³.

Depois desta data, os documentos permitem mencionar com segurança o médico e botânico francês, Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), que aqui esteve estudando a flora autóctone, ainda nos finais do século XVII, e de que resultaria o estudo *Denombrement des plantes que i'ay trouvé en Portugal en*

¹ *A História Natural em Portugal no século XVIII*, 1987.

² Cfr. Sousa Viterbo, *A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história*, 1908, pp. 16-17.

³ "Consta da enumeração de 1618 plantas, com as respectivas frases descritivas, por ele colhidas nas cercanias de Lisboa e além e aquém Tejo. A estas foram adicionadas 204 extraídas de outros autores que as mencionavam para Portugal, elevando-se assim o número a 1822" (Abílio Fernandes, *História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX*, 1986, 2º vol., pp. 875-876). Este *Jardim da Lusitânia* permaneceria aliás a única (se se não considerar nesta categoria o manual didáctico de Vandelli intitulado *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen*) até 1804, quando Félix de Avelar Brotero publicou a sua *Flora Lusitanica*. Por empenho de Domingos Vandelli, a obra de Grisley seria reeditada pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1789.

1689 ⁴; os celebrados naturalistas gauleses Antoine e Bernard de Jussieu, que realizaram, provavelmente em 1717, herborizações ⁵; o médico e boticário francês Jean Vigier que em 1718 fez traduzir para português a sua *Historia das Plantas da Europa e das mais uzadas que vem de Asia, de Africa & da America*, confirmando o generalizado interesse pelo conhecimento das plantas que havia na época, entre nós; e, finalmente, o médico naturalista suíço Carlos Frederico de Merveilleux o qual, a convite do próprio D. João V, aqui aportou em 1723 vindo da Luisiana e que, depois de empreender uma viagem científica através do nosso território, redigiria para o soberano diversas memórias sobre História Natural ⁶.

Este acontecimento seria aliás considerado suficientemente importante para ser divulgado, mais de uma vez, no jornal oficial da Corte de Lisboa - "Mons. Merveilleux (...) vay correr todo o Reyno de Portugal, para fazer a descripção das plantas, e de tudo o mais, que pertence à historia natural Portugueza, com hum largo ordenado, e ajudas de custo, que Sua Mag. como Protector que he das sciencias lhe assinou (...). Mon. Merveilleux examinou todas as raridades naturaes da Serra de Cintra, e a admiravel fonte, que está no alto do monte do Castelo com muitos subterrâneos antigos, onde achou uma Agata Oriental, persuadindo-se a que poderá haver minas de semelhantes pedras. Trouxe as plantas mais raras, que vay offerecendo a Sua Mag. com as suas descrições; e

⁴ Cfr. Abílio Fernandes, *ob. cit.*, 1986, 2º vol. p. 876. "Toumefort est un botaniste déjà célèbre en Europe lorsqu'il entreprend, avec le dessinateur Claude Aubriet (vers 1665-1742), ce *Voyage du Levant* (1700-1702) dont il a laissé une relation remarquable à tous égards" (Y. Laissus, *Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot*, 1981, p. 263).

⁵ "(...) le duc d'Orléans, régent de France, envoie Antoine de Jussieu dans la péninsule Ibérique sans préciser davantage ce qu'il y devra faire. Il lui est simplement enjoint 'd'aller, avec le nommé Aubriet, dessinateur, rechercher des plantes rares et utiles dans les Alpes, les Pyrénées, l'Espagne et le Portugal, durant un voyage [Julho de 1716- Junho de 1717] de cinq à six mois" (Y. Laissus, *ob. cit.*, 1981, p. 271).

⁶ Cfr. Rómulo de Carvalho, *A história natural em Portugal no século XVIII*, 1987, pp. 12-20.

observou ser de mulher hum osso de extraordinaria grandeza, que se guarda na Quinta, que foy do grande D. João de Castro (....)." ⁷.

Desta experiência portuguesa resultaria, em 1738, o relato de viagens intitulado *Mémoires Instructifs*, no qual é possível compulsar algumas alusões à história natural e a personalidades que a cultivavam - como se depreende do título da obra - ⁸, nomeadamente a que confirma a inclusão da família Menezes (condes da Ericeira) entre os melhores interlocutores intelectuais do autor: "D. Diogo de Mendonça ⁹ teve a bondade de me instruir na maneira que mais convinha à minha conduta em Portugal. Aconselhou-me a que me avistasse com (....) os condes da Ericeira, pai e filho (....)" ¹⁰.

2. O fenómeno cultural setecentista que temos vindo a evidenciar, isto é a de os naturalistas e coleccionadores europeus encararem o nosso país e o seu vasto Império - terra ignota e inexplorada, porque geográfica e culturalmente excêntrica - como campo privilegiado para as viagens científicas, alimentou igualmente outro veio da pulsão naturalista: a aquisição de especimenes novos para as colecções dos gabinetes de *naturalia*. Ao gabinete de carácter privado, de acesso reservado a elites, (que tinha tido sempre este traço distintivo e que assim se manterá por todo o século das Luzes) associa-se agora o gabinete - de matriz

⁷ *Gazeta de Lisboa*, 24 de Fevereiro e 22 de Junho de 1724, pp. 63, 200.

⁸ *Mémoires Instructifs pour un voyageur dans les divers États de l'Europe - Contenant des Eneoctes curieuses très propres à éclairer l'Histoire du Temps, avec des Remarques sur le Commerce et l'Histoire Naturelle* - Amsterdam, Chez H. du Sauzet - 1738, 2 tomos, tradução portuguesa de Castelo Branco Chaves, *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, 1989, pp. 131-257.

⁹ D. Diogo de Mendonça Corte Real (1657-1736), Secretário de Estado.

¹⁰ *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, p. 152.

distintamente inglesa ¹¹ - que alarga o conceito de posse a um proprietário colectivo e institucional. Um pouco por toda a República das Letras europeia, a iniciativa museológica de organização de gabinetes fica a cargo de Institutos e Academias, lugares de ciência alternativos ao dominante conservadorismo universitário ¹².

As cumplicidades oficiais amplificam-se e os poderes instituídos (incluindo a diplomacia, mas também os governantes e o próprio Papa) envolvem-se na rede comercial de trocas e de venda de produtos naturais, em nome do prestígio nacional destas instituições e do carácter público da difusão do saber.

Nada se poderia encontrar, porventura, de mais ilustrativo desta corrente museológica, iniciada ainda em finais do século XVII, do que o pedido dirigido pela Academia das Ciências de Bolonha ao governo português, através do nosso representante diplomático em Roma, Manuel Pereira de Sampaio. Os académicos italianos, contando para o efeito com os bons officios do Papa Bento XIV, solicitavam curiosidades naturais para o seu "museo di storia naturale" ¹³. Coube ao jesuíta italiano Giovanni Battista Carbone (1694-1750),

¹¹ Em 1683 seria inaugurado um edifício construído propositadamente para albergar as colecções (mistura de curiosidades e de vulgarização) que Elias Ashmole, membro da Royal Society, tinha oferecido à Universidade de Oxford. À pomposa inauguração do *Musaeum Ashmolianum* presidiu o futuro rei Jaime II, acentuando o carácter tendencialmente público destes estabelecimentos. Vid. Roland Schaer, *L' invention des musées*, pp. 31-35.

¹² Veja-se João Carlos Brigola, *Ciência e Política. Do Pombalismo ao Liberalismo*, 1990, pp. 139-149, com referências ao divórcio, a partir do séc. XVII, entre o mundo da investigação e o ensino, e indicações bibliográficas sobre as reformas universitárias europeias no séc. XVIII.

¹³ O patronato deste Papa está bem simbolizado na estátua, na biblioteca e no quadro que D. Vandelli descreve em 1758: "Nel fine del porticato in facciata sta sedente una grã statua di gesso di Papa Benedetto XIV. (...) Biblioteca abbondantissima di Libri (...) di Benedetto XIV. (...) La contigua grande sala é ornata d'un quadro mosaico representante al naturale Benedetto XIV" (*Breve descrizione dell' Istituto delle Scienze di Bologna*, BAEL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), Ms. 1205/1, Série Azul). A Academia Clementina de Bolonha, fundada em 1709, reúne no Palácio Poggi a Academia das Ciências e a Academia das Belas-Artes. O frontão do palácio apresenta a seguinte inscrição: *Istituto bolognese delle Scienze e delle Arti, per l'uso pubblico di tutta la terra*. Cfr. Franca Varallo, *Musei scientifici*, 1996, pp.221-222, e Roland Schaer, *ob. cit.*, p. 34. Mais elementos sobre a história desta Academia (e das suas relações com Portugal) podem ser encontrados em Ayres de Carvalho, *Os três arquitectos da Ajuda*, 1979, pp. 75-77.

assistente ao despacho de assuntos régios na Corte de Lisboa e conhecido pelas suas iniciativas científicas modernas ¹⁴, a resposta aos desejos da academia bolonhesa, através de uma carta datada de 17 de Setembro de 1743, dirigida ao diplomata português em Roma, e cujo conteúdo largamente transcreveremos pelo seu evidente interesse museológico e científico. De facto, será preciso aguardar pelo período pombalino para dispormos de listas tão pormenorizadas de objectos naturais (e de raridades maravilhosas), o que faz deste texto epistolar uma oportunidade única para entreabrirmos, no caso português entenda-se, a porta de um universo apenas adivinhado ¹⁵.

Carbone, depois de informar Sampaio já ter enviado por um navio sueco um caixote com destino a Génova (de onde pessoa de confiança o expediria para Roma, dali seguindo para o seu destino final), passa a discriminar o conteúdo da remessa, onde "(...) vão diversas curiosidades do mar, e da terra p.a o estudo da Academia de Bolonha, que V. S. me pedio, ainda que eu desejava satisfazer mais abundantemente a esta Comissão, mas apenas pude descobrir aquela porção que remeto, em tam breve tempo, havendo nesta Corte poucos curiosos de semelhantes

¹⁴ "Os Padres João Baptista Carbone e Domingos Capasso desembarcaram em Lisboa no ano de 1722, entrando pouco depois no Paço onde grangearam valimento e simpatia. Deve-se à sua influência a montagem do Observatório Astronómico de Santo Antão, que está na origem do renascimento das matemática entre os jesuítas e talvez em Portugal. O menos que se pode dizer desta iniciativa é que ajudou a desenvolver a cultura científica e a orientá-la em sentido positivo. O Padre Carbone parece ter desempenhado sempre um papel favorável ao progresso cultural do nosso país, mesmo para lá da esfera restrita do Observatório de Santo Antão, que ele acompanhou aliás durante longos anos. Há indícios de que teria chegado a pensar na modernização do ensino científico na Universidade de Coimbra" (José Sebastião da Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia (sécs. XVI a XVIII)*, 1952, p. 320).

¹⁵ Veja-se, entre outras, para as colecções europeias de *naturalia et mirabilia* as seguintes obras: M. Morán e F. Checa, *El coleccionismo en España. De la camera de maravillas a la galeria de pinturas*, 1985; O. Impey e A. Macgregor, *The origins of museums. The cabinet of curiosities in Sixteenth-and Seventeenth-Century Europe*, 1985; K. Pomian, *Collectioneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIIe - XVIIIe siècle*, 1987; Adalgisa Lugli, *Naturalia et mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkamern d'Europa*, 1990; Alessandra Mottola Molfino, *Il libro dei musei*, 1991; Roland Schaer, *L' invention des musées*, 1993; Paula Findlen, *Possessing Nature. Museums, collecting and scientific culture in Early Modern Italy*, 1996; María Bolaños, *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, 1997.

couzas. Vão seis cocos inteiros ainda com a sua agua dentro: alguns buzios, ou mariscos extravagantes; alguas ervas petrificadas na agua do mar: alguns pedaços de Cristal Mineral; e isto vai solto dentro do dito caixote. Em duas caixinhas, que vão dentro do mesmo, achará V. S. outras coriozidades, todas da terra, menos algua bagatella que tambem he da agua. Na mais pequena vai hum grão de ouro nascido entre pedras, de que tem ainda varios pedacinhos pegados (e melhor fora que quem achou não se empenhasse em lha tirar por força quasi toda, até com alguas pancadas de martelo, pois seria mais galante se viesse com as mesmas pedras como foi achada nas minas da Jacobina); peza 6 marcos e 5 onças. Vay também na mesma caixinha hua pedra mineral do Perú misturada com prata que foi hum acazo achala, por não ser das nossas conquistas: algus pedacinhos de pedra das nossas minas com alguas amostras de ouro nascido nelas; algus pedacinhos de espelho natural nascido nellas; algus pedacinhos de espelho natural nascido na terra; algus pedaços de cristal branco com pedacinhos de cristal verde nascido nelle; hum papelinho com hum pouco de Balsamo Tolutano verdadeiro, que me veyo logo que o encomendei a Madrid: Outro papel com hua cabacinha do mesmo balsamo, e hum pedaço de outra, que discobri na mão de hum mercador estrangeiro nesta Corte; e isto vay na dita caixinha mais pequena. Na outra maior vão diversos nascimentos de cristaes, que bem considerados tem bastante coriosidade. Em tudo cima do dito caixote, junto as referidas caixinhas vay outra cabacinha de Balsamo Tolutano que me chegou de Madrid, quando estava p.a fechar o d.to caixote, pelo que a não pude pôr em melhor lugar. Se me tivesse vindo há mais tempo esta comissão de pedras mineraes, e outras curiosidades, me tivera prevenido de outra sorte"¹⁶.

¹⁶ *Correspondência de Carbone para Manuel Pereira de Sampaio (1741-1743)*, BA (Biblioteca da Ajuda), 49-VIII-40.

Em carta ditada no dia seguinte, refere-se novamente ao assunto desculpando-se junto do diplomata pela escassez de objectos enviados: "Não pude descobrir outras couzas no pouco tempo, que tive: nem em Lx.a hà m. tos curiozos, que fação collecção de Raridades, p.a pedir alguas em semelhante ocaziaõ. Naõ deixarei porem de pòr maiores inculcas p.a descobrir mais algua couza" ¹⁷.

Duas décadas depois da documentada contribuição portuguesa para as colecções científicas daquele instituto italiano, uma outra carta retoma este diálogo museológico. Trata-se de correspondência trocada entre o director da Academia de Bolonha, Ferdinando Bassi, e o antigo aluno da Universidade de Pádua, Domingos Vandelli (1735-1816), ao tempo a residir em Portugal contratado por Pombal para exercer cargos na área da história natural ¹⁸. O naturalista paduano tinha tido, curiosamente, um contacto directo com os objectos enviados de Lisboa e chegara mesmo a descrevê-los no relatório de uma visita que ali efectuara em 1758: "La quinta camera vicina a minerali a un solo armario, nel quale vi é la matrice d'amestisti orientali, un pezzo di miniera d'oro nativo del Brasile del valore di 400 zechini che fu regalata dal Re D. Joanni V a Benedetto XIV" ¹⁹.

A carta de Bassi é enviada de Bolonha a 6 de Maio de 1766 e refere-se explicitamente à remessa expedida na época do defunto rei, isto é D. João V, lamentando-se que nessa ocasião, não por culpa do Papa Bento XIV (que servira de patrono), mas por esquecimento dos antigos professores da Academia, não tinha sido possível obter de Portugal amostras de diamantes brasileiros. Esta grave carência nas

¹⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁸ Conjunto de seis cartas dirigidas por Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli, entre 1765 e 1769, e depositadas no Arquivo Histórico do Museu Bocage (AHMB).

¹⁹ *Breve descrizione dell' Istituto delle Scienze di Bologna (1758)*, BACL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), Ms. 1205/1, Série Azul.

colecções bolonhesas estaria agora prestes a ser colmatada, com o empenho deste 'embaixador' italiano em Lisboa: "Le rendo grazie delle miniere di Diamanti del Brasile osservate presso Mr. Sbrildemaster, ed è tanto nitida, che già mi pare di vederla. Il passato Pontifice doveva richiederne al defunto Re di Portogallo un conspicuo saggio di tale preziosa miniera per il nostro Istituto, e l'avrebbe ottenuta, ma non fù mancanza di Benedetto XIV; ma bensì, che non gli fù suggerito dai Professori di quel tempo. Se io ero allora nell'Istituto, come ora lo sono non avrei mancato di suggerirlo" ²⁰.

3. O naturalista setecentista Baltazar da Silva Lisboa, em obra datado de 1786, exalta a riqueza e raridade das colecções naturais existentes no Paço Real da Ribeira e no Paço dos Duques de Bragança, ao Chiado ²¹. O texto apresenta de resto um não negligenciável interesse para o rigor histórico da evolução das ideias e das instituições culturais setecentistas (de que são parte essencial os gabinetes e os museus), evitando-se as armadilhas da retórica pombalina e da historiografia liberal que davam a fundação das instituições científicas e museológicas do

²⁰ *Carta de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (Bolonha, 6 de Maio de 1766)*, AHMB, CE/B -68.

²¹ "El-rei D. João V, por ocasião do seu casamento, em 1708, ornamentou com mais riqueza as salas do paço da Ribeira, e augmentou e aformeseou o jardim do mesmo paço, adornando-o com grandes viveiros, que povoou de aves, que mandou vir de África e do Brasil. Passados anos, em 1726, comprou aos condes de Aveiras e da Ponte as quintas e palácios, que estes fidalgos possuíam em Belém. Reuniu em uma só as duas quintas, e entre as obras e plantações, com que as enobreceu e embelezou, mandou construir um pátio cercado de jaulas, e um jardim guarnecido de magníficos viveiros, de construção elegante e apropriada á habitação de aves, que demandam agasalho no inverno. A nossa África Ocidental forneceu as feras, com que se povoaram as jaulas; e essa mesma região e o Brasil as aves de variados tamanhos e matizes, que vieram dar animação e brilho aos viveiros. Anos depois, procedendo-se á reconstrução dos paços da Ribeira, o seu jardim, que ocupava parte do terreno, em que actualmente vemos o Arsenal da Marinha e suas dependencias, foi ornamentado com mais vastos e mais sumptuosos viveiros, que em breve se encheram de nova espécies de formosas aves exóticas. A predilecção d'el rei D. João V pelas colecções ornitológicas não só fez com que se conservassem bem povoados, renovando-se amiudadas vezes, os viveiros deste jardim, e os da real Quinta de Belem, mas tambem com que se difundisse aquele gosto entre as famílias nobre da sua corte " (I. Vilhena de Barbosa, *Apontamentos para a historia das colecções e dos estudos de zoologia em Portugal*, 1885, pp. XII-XIII).

reinado de D. José como a *fénix renascida*, depois de um suposto grau zero cultural do período joanino.

O monarca português foi, na realidade, um coleccionador do seu tempo, capaz de se interessar pelos objectos museológicos da moda, mesmo que para tanto tivesse que expender pequenas fortunas na aquisição de espécies altamente cotadas pela sua raridade: "(...) referiremos o [tempo] do Reinado do Senhor D. João V no qual felizmente se anunciaram entre nós os progressos da Filozofia Natural. Conservava aquele Principe no seu Palacio hum riquissimo Muzeu composto de ricas, e maravilhozas produções entre todas as belezas, hum diamante de grandeza, e valor até então nunca visto, (...) e entre a conchilharia, além das innumeraveis variedades de Amirales, tinha o mais rico Almirante, que se conhecia, comprado pelo dito Soberano por 4000\$000 reis, o que tudo o infausto terremoto do I. de Novembro de 1755 arruinou inteiramente" ²².

Anos antes, em 1742, o naturalista A. Desallier d'Argenville, na sua *Conchyliologie, ou Histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestres et fossiles* (obra citada pelo naturalista português) já se referia com prestimosa minúcia a alguns dos mais célebres objectos depositados no gabinete real de história natural ²³: "Sa Majesté Très-fidelle possédoit dans son palais à Lisbonne, un cabinet d'histoire naturelle qui s'étendoit sur toutes les parties des trois regnes; il s'augmentoit chaque jour avant le bouleversement total arrivé à

²² *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o esiado do Brazil*, 1786, pp. 9-10.

²³ A importância conferida na época a esta obra também poderá ser medida pelo facto de, por exemplo, ter sido adquirida pelo professor Domingos Vandelli para o Museu de História Natural da Universidade (Cfr. *Nota dos livros vendidos pela Firma Borel, Borel & C.ª ao Dr. Domingos Vandelli (1784)*, AUC, Museu da História Natural). Muito provavelmente terá sido este o exemplar que o aluno de Vandelli, Baltazar da Silva Lisboa, utiliza como referência (eventualmente a 3ª edição, póstuma, de 1780, cuja edição também utilizamos aqui). A 2ª edição, ainda em vida do autor, é de 1757.

cette Ville le premier Novembre 1755: Elle y avoit rassemblé nombre de morceaux très-intéressans, entre autres des diamans & des pierres de couleurs de toute espèce; mais ce qui est sur-tout à admirer, c'est un diamant du Brésil, tiré d'une mine de l'endroit, appelé par les habitants *Cay de Merin*, près la riviere de Milhoverde, dans la province de Serrodo-Frio. Ce diamant, d'une grosseur considérable, pese seize cens quatre-vinght karats, fiasant douze onces & demi: il est estimé deux cens vingt-quatre millions de livres sterlings. Parmi les coquilles, un Amiral d'un volume considérable & d'une conservation parfaite, attiroit les regards, de même qu'un outre Cornet appelé *Cedo-nulli*, portant environ deux pouces de longueur; cette coquille fut acetée en 1733 mille vingt livres argent de France, à la vente du cabinet de feu M. de la Faille, Auditeur des États à la Haye" ²⁴.

Esta última variedade malacológica proveniente das Índias Ocidentais - o *Conus cedonulli* Linnaeus, espécie nominal que correspondia (sabemo-lo hoje) a várias espécies biológicas - era altamente apreciada na época, atingindo valores muito elevados pela sua inexcedível raridade ²⁵.

Por outro lado, e este é um dado decisivo para explicar o absoluto valor científico do exemplar adquirido por D. João V, ele "parece ter sido o representado no *Thesaurus* de Seba (vol. 3, pl. 48, fig. 8) e foi nessa figura que Linneo, explicitamente, se baseou para a descrição da espécie (Dance, 1966). Este

²⁴ A. Desallier d' Argenville, *Conchylogie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestre et fossiles*, 1780, t. I, pp. 319-320. A credibilidade desta obra pode ser medida pelos justos critérios de referência que o autor assume na descrição das colecções: "L'auteur n'auroit jamais entrepris de décrire les plus fameux cabinets de l'Europe, si les voyages ne l'eussent mis à portée d'en connoître la plus grande partie. Quoique plusieurs de ceux dont il a parlé n'existent plus, par le décès des possesseurs, il est juste d'en conserver la description: c'est ce que l'on doit à leur mémoire. De pareils détails seront toujours très-instructifs, et porront faire découvrir ce que sont devenus certains morceaux rares, et peut-être uniques: ces pièces précieuses prouvent de plus, que pour ne les pas trouver dans d'autres cabinets distingués, leur existence n'en est pas moins réells" (t. I, p. 199).

²⁵ Um exemplar desta espécie foi exibido na exposição temporária "O fascínio das Conchas", Museu do Mar-Rei D. Carlos, Cascais, Maio-Junho de 1999.

facto confere a esse exemplar o valor de holotipo da espécie nominal *Conus cedonulli* " 26.

Por emulação dos investimentos culturais do monarca, ou por opção própria, alguns Grandes do reino e membros do alto clero engrossaram a fileira dos coleccionadores de exotismos naturais e artificiais. Apesar de escassa documentação, apenas baseada em testemunhos indirectos, é possível enunciar os casos da duquesa de Cadaval, da Casa de Lorena 27, que - segundo D'Argenville - conservava "quantité d'animaux de toute espèce; & (...) amassé plusieurs choses rares, entre autres une très-belle suite de Bézoards" 28; o do cardeal da Cunha que, como informa Frei Manuel do Cenáculo "já recolhia em museu particular produções naturais, e nesse ano lhe fez um regalo notável de muitas curiosidades da América, Rodrigo César. Com a notícia destas poderia aumentar-se o catálogo das plantas cultivadas no jardim botânico d'el-rei de França pelo intendente Guy de la Brosse, onde traz mais de dúzias de plantas nossas, que se lhe mandaram" 29;

²⁶ Carlos Almaça, *As colecções de conchas em gabinetes e museus de história natural portuguesas*, 1989, pp. 17-24.

²⁷ "D. Margarida Armada de Lorena, 3ª esposa do 1º duque de Cadaval. Filha de Luís de Lorena, Conde de Armagnac e de Harcourt, estribeiro-mór de Luís XV, rei de França, casou em 25 de Junho de 1675 com D. Nuno Álvares Pereira de Melo, 1º Duque de Cadaval, e faleceu em Lisboa, 3 anos depois do duque, em 1730. Influenciada pela corte francesa do século XVII, desenvolveu em Lisboa uma intensa actividade cultural, formando também um gabinete de curiosidades naturais e uma biblioteca. Parte desta encontra-se ainda, ao que supomos, em poder dos actuais representantes da família, mas nada conseguimos apurar do paradeiro das colecções de História Natural" (L. P. Burney, e A. A. Monteiro, *ob. cit.*, 1988, p. 91, nt. 10).

²⁸ A. Desallier d'Argenville, *ob. cit.*, 1780, t. I, p. 320, e Baltazar da Silva Lisboa, *ob. cit.*, 1786, pp. 5-16. "Os antigos pensavam que o 'espírito lapidífico' também se exercia no interior dos animais e assim atribuíam um valor mágico a concreções sólidas - hoje chamadas cálculos - que por vezes se formam no estômago, nos intestinos, na bexiga, na vesícula e, segundo também acreditavam, na cabeça de alguns animais. A estas pedras se chamava, por altura do Renascimento, 'bezoares'. Autores clássicos, como Balce de Boot e Levin Lemne, o Grande Alberto, entre outros, escreveram muito sobre os 'bezoares', que desempenhavam, à época, um papel importante, como remédio ou amuleto. Escusado será referir a relevância de uma colecção de 'bezoares' num grande gabinete de curiosidades naturais" (L. P. Burney, e A. A. Monteiro, *ob. cit.*, 1988, p. 91, nt. 11).

²⁹ Frei Manuel do Cenáculo, *As artes, as letras, e as ciências em tempo de el-rei D. João V*, 1843, pp. 266-278.

o do Conde de Assumar, cujo gabinete "n'étoit pas inférieur [ao de Ericeira] en ce qui concernoit les productions naturelles. Sa collection des monnoies d'or étoit extrêmement curieuse" ³⁰; e, finalmente, o do 1º Marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá, já referido pelo seu celebrado numofilácio, que também possuía um gabinete de raridades, contendo copiosas colecções de mineralogia e de outros produtos naturais ³¹.

4. A aceitarmos como adequado o modelo explicativo do historiador da cultura José Sebastião da Silva Dias sobre os movimentos de renovação mental da sociedade portuguesa de Setecentos, alguns dos seus pressupostos conceptuais - utilmente aplicados ao campo da história da cultura - poderão ser igualmente validados, a nosso ver, na análise da evolução da ideia de *Museu*. De facto, os mais recentes e estimulantes estudos de museologia histórica têm unanimemente sublinhado a necessidade de se surpreender a essência histórica e teórica do Museu, menos na instituição considerada em si mesma (como se de realidade autónoma se tratasse), e mais no património de ideias, de considerações sobre a cultura e sobre o saber científico de uma época ³².

Donde, parecer pertinente uma sondagem ao universo discursivo de alguns dos mais influentes autores modernos que, na primeira metade do século,

³⁰ A. Desallier d' Argenville, *ob. cit.*, 1780, t. I, p. 320. "D. João de Almeida e Portugal, 3º Conde de Assumar, foi Governador de Minas Gerais e Embaixador de Portugal em Barcelona. Em 1704, foi nomeado Capitão da guarda de D. Pedro II e, em 1721, entrou para a Academia real da História. Para além da referência de d'Argenville, nada conseguimos apurar acerca do gabinete de curiosidades naturais desta família. Todavia, tendo em consideração as vicissitudes que a mesma sofreu, durante a administração do Marquês de Pombal, supomos que o mesmo tenha sido abandonado e posteriormente disperso" (L. P. Burney, e A. A. Monteiro, *ob. cit.*, 1988, p. 90, nt. 9).

³¹ Cfr. I. Vilhena Barbosa, *Museus criados em Portugal até ao fim do século XVIII*, 1903, p. 30.

³² Cfr. Adalgisa Lugli, *Museologia*, 1996, p. 95.

travaram em nome do cosmopolitismo uma luta intensa contra o elemento sedentário da nação. Estes intelectuais, quase exclusivamente estrangeiros ou *estrangeirados* ³³, confrontados com as resistências ideológicas e sociais do país oficial às mudanças mentais que se operavam por toda a Europa, conceberam propostas de reformas educativas que julgavam constituir a chave do edifício iluminista sonhado para Portugal ³⁴. No seu pensamento pedagógico as inquietações da ciência moderna ganham contornos bem perceptíveis nas formulações teóricas que elaboraram sobre os novos espaços científicos (Gabinete de Física; Laboratório de Química; Observatório Astronómico; Dispensário Farmacêutico; Teatro Anatómico) e museológicos (Gabinete de História Natural; Jardim Botânico), de configuração didáctica.

O que com muita nitidez evidenciam estes textos é a génese pré-pombalina (ao menos em embrião teórico) de soluções pedagógico-científicas - com forte ressonância no universo museológico - adoptadas pela Coroa a partir da segunda metade do século, nomeadamente a introdução do ensino de história natural nos *curricula* universitários, de par com o estabelecimento dos competentes equipamentos museológicos, e o princípio do seu financiamento pelo erário público.

O primeiro exemplo a ilustrar é o do sábio judeu, Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762), refugiado em Inglaterra desde 1721, Sócio do Real Colégio dos Médicos, e da Sociedade Real, doutor pela Universidade de Aberdeen. Na sua obra *Materia medica. Physico-historico-mechanica. Reino mineral*, publicada em

³³ Pese embora a necessidade, já de há muito anunciada entre outros por Borges de Macedo, de se rever o conceito de *estrangeirado*, julgamos que pode ainda transmitir alguma operacionalidade à interpretação histórica se rodeado de justa contextualização ideográfica.

³⁴ Cfr. J. S. da Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia*, 1952, p. 320, e Rogério Fernandes, *O pensamento pedagógico em Portugal*, 1978.

Londres em 1737, o médico português introduz no discurso científico referências a objectos da Natureza depositados em Museus (privados e institucionais), utilizando essa visibilidade como argumento de autoridade: "(...) O Elector de *Saxonia*, e prezente Rey de *Polonia*, guarda no seu *Musaeum*, huma pedra branca, semelhante a o Marmore, na qual se vé a Prata, á roda do pezo de quatro onças, sahindo como em gotas, do mesmo modo, que as gomas brotam das Arvores; e eu tenho muytas vezes visto, a mesma especie de pedra, donde tambem apparece, como gotteando, a Prata, no celebre *Musaeum* do Cavalheiro, e Baronet *Hans Sloane*, Prezidente do nosso Real Collegio dos Medicos, e tambem Prezidente de nossa Real Sociedadade, Medico de S. Magestade *Britanica*, o mayor Virtuoso que conhece a *Europa*, e cujo *Musaeum* de raridades, não hà Principe, que o exceda, nella ³⁵(...) No *Musaeum* da Real Sociedadade de *Londres* temos hum pedaço de penhasco, donde, como em sua cama nativa, ou original Vea estam crescendo, ou sahindo Diamantes" ³⁶.

Identificamos no texto de Sarmiento, se não erramos, uma atitude intelectual seguramente nova para os hábitos da escrita e do pensamento nacionais: incorpora-se no aparato tradicional da alegação erudita a exibição física do objecto no Museu, para que assim se comprove a sua entidade gnoseológica ³⁷. Às

³⁵ A colecção do doutor Hans Sloane (1660-1753) era composta, à data da sua morte, por 79 575 peças. Nesse mesmo ano, o Parlamento britânico aceitou adquirir a colecção e a biblioteca, respondendo assim positivamente ao apelo de Sloane que pretendia legá-las "à nação, para manifestar a glória de Deus, a refutação do ateísmo e das suas consequências, o uso e progressos da Medicina, e o beneficio da humanidade". Seis anos depois, abria ao público o British Museum que incorporava esta grande colecção. A importância da colecção de H. Sloane, sublinhada por Jacob de Castro Sarmiento, pode também ser medida pelas personalidades que a visitaram: B. Franklin (1725), Voltaire (1727), C. Lineu (1736), Haendel (1740). (Cfr. Roland Schaer, *ob. cit.*, pp. 35-37).

³⁶ Jacob de Castro Sarmiento, *Materia medica. Physico-historico-mechanica. Reino mineral*, 1737, pp. 45-46; 148.

³⁷ Poucos anos após o texto de Sarmiento, em 1741, um moderno como o 4.º conde da Ericeira invocava alguns gabinetes de raridades e o seu próprio "Museo" para comprovar as propriedades de incombustão do amianto e de outros materiais.

palavras e à iconografia dos livros, amassados em bibliotecas (fonte tradicional do conhecimento), juntava-se agora a exposição cénica das espécies, inventariadas e reconstituídas, sem lacunas, na grande cadeia dos seres. Utilizar, pois, a visibilidade de um objecto integrado numa colecção como prova científica da sua existência e das suas propriedades naturais, tornar-se-ia rotina, a tal ponto que já não surpreende a ênfase colocada por um naturalista da geração seguinte - o Padre João de Loureiro (1710-1791) - ao invocá-lo como argumento decisivo.

Neste texto, publicado pelas *Memorias* da Academia das Ciências de Lisboa, vai-se mesmo mais longe ao justificar-se a atitude de incredulidade total face à narrativa livresca de um fenómeno avulso da Natureza, não porque se creia numa impossibilidade ontológica, mas apenas porque não se encontra materialmente documentado no *Museu*: "Os Gabinetes dos curiosos, e amantes da Sciencia Nacional se achão hoje providos d'estas maravilhas, ou raridades que por taes se fazem estimaveis; mas que já se não pode duvidar, que são effeitos da Natureza. No que toca ao reino Vegetal, se veem allí troncos, folhas, espigas de flores, e fructos de diversas arvores, principalmente de diversos Filices inteiros, e outros generos pertencentes á Cryptogamia: dando a todos estes o nome generico de *Phytolithos*. No que pertence ao Reino animal, se veem nos mesmos Muséos muitos petrificados de insectos, de vermes, de peixes, de amphibios, de aves, de animaes quadrupedes, e ainda de homens. (...) Porém eu duvido muito de taõ memoravel successo [a suposta petrificação de uma tribo inteira de Tártaros e de todos os seus apetrechos materiais], não porque o tenha por impossivel; pois os mesmos agentes naturaes, que tem força para petreficar hum vivente, a tem da mesma sorte para muitos, em que achem as mesmas disposições: mas como se pode crer, que se ache huma tal

raridade nos dominios da Russia há mais de quatro Seculos, sem que ao menos parte d'ella se tenha conduzido para o Muséo de Petersburgo?"³⁸.

A Jacob de Castro Sarmiento cabe ainda uma intervenção demiúrgica na tentativa, lamentavelmente frustada, de influenciar duas instituições científicas lusitanas a estabelecerem um jardim botânico. Este episódio parece autorizar a ideia de uma interrupção, durante o reinado de D. João V, na tradição renascentista de criar e manter hortos com objectivos médicos e farmacológicos cuja criação em Portugal, segundo Sousa Viterbo, datava do segundo quartel do século XVI.

O seu primeiro instituidor terá sido Tomé Rodrigues da Veiga, lente de medicina na Universidade de Coimbra e um dos professores mais conceituados do seu tempo, o qual cultivava um horto onde seguia a evolução das plantas, de acordo com o seu especial ponto de vista. Também o médico Garcia da Orta, autor dos *Colóquios dos simples e das drogas da Índia*, imitava em Goa o exemplo de Rodrigues da Veiga, dentro do costume europeu de cultivar nestes jardins os *simples*, quer dizer as plantas medicinais, e neles aclimatar os vegetais exóticos. "Não tinham, já se vê, o carácter de generalização e de rigor científico a que hoje obedecem; não serviam para o estudo comparado de todas as plantas, já sob o ponto de vista fisiológico, já sob o ponto de vista das suas relações de família; serviam apenas para o estudo das plantas nos seus usos terapêuticos. Eram, pois, jardins medicinais de preferência a jardins botânicos"³⁹.

Durante a primeira metade de setecentos sabe-se que, pouco depois da fundação da Academia da História, a Royal Society por intermédio do seu sócio português se oferecia para ajudar a novel agremiação de Lisboa com todo o

³⁸ P de. João de Loureiro, *Memoria sobre huma especie de petrificação animal*, 1799, t. II, pp. 47-48.

³⁹ Sousa Viterbo, *A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história*, 1908, p. 16.

gênero de sementes e de plantas existentes no seu próprio jardim londrino, caso a Academia se dispusesse a criar um horto botânico. Reunidos em assembleia, os eruditos agradeceram polidamente mas, invocando incompatibilidade de tal iniciativa naturalista com os Estatutos, recusaram a oferta.

Julgando obter melhor acolhimento junto da Faculdade de Medicina (que ele próprio frequentara) Jacob de Castro Sarmiento dirigiu-se em 1731 ao Reitor da Universidade de Coimbra, Francisco Carneiro de Figueiroa, com a mesma proposta, desta vez acompanhada de um plano meticuloso para a edificação de um Jardim Botânico, justificando-o como um complemento didáctico imprescindível aos estudos médicos ⁴⁰. Apesar de ter tentado cativar os interlocutores coimbrãos com a oferta de um microscópio construído por Culpeper de Londres, para uso dos professores de medicina nas observações botânicas e anatómicas, não logrou obter melhor sorte ⁴¹.

No ocaso do joanismo, a obra moderna e estrangeirada por excelência, o *Verdadeiro Método de Estudar* - com as suas polémicas e escandalosas propostas filosóficas e pedagógico-científicas - caiu em Portugal como uma bomba. Mas, aglutinou igualmente opiniões, deu resposta a anseios, conceitos e problemas já anteriormente sentidos, e produziu o choque psicológico das elites cultas, trazendo

⁴⁰ Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra encontra-se arquivado o Projecto de Sarmiento, contendo uma Planta de Jardim Botânico com uma "Bibliotheca Botanica", (provavelmente inspirada no jardim londrino de Chelsea) desenhada pelo Architecto E. Oakley. Ostenta a seguinte dedicatória: "Illustrissimo DD. Francisco Carneyro de Figueyroa, Universitatis Conimbricensis Rectori, vigilantissimo que Reformatori, nec non dignissimis ejusdem Academiae Professoribus, Ichonographiam hanc, ad Hortum Botanicum erigendum in Scientiae Naturalis, et Medicinae Facultatis augmentum, humilime dicat, dedicat que Dr. Jacob a Castro Sarmiento, Medicus Lusitanus, Collegii Regalis Medicorum Londinensium Collega, Regiae que Societatis Socius Anno MDCCXXXI" (Ms. 3180, Planta n.º 30). Domingos Vandelli menciona o Projecto, em 1771, no Catálogo do Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda, o *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum Novis Generibus et Specibus*, BN (Biblioteca Nacional) Cod. 3750: "Jacobus a Castro Sarmiento Conimbricensi Universitati illud proposuit eiusque ichonographiam typis commisit".

⁴¹ Cfr. H. Amorim Ferreira, *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*, 1943, p. 13-14; e J. S. da Silva Dias, *ob. cit.*, p. 326-327.

para a praça pública ideias e questões dantes confinadas ao murmúrio dos cenáculos ou à meia voz dos livros ⁴². Também aqui, uma vez mais, é possível colher uma abordagem explícita à adopção do estudo das ciências da natureza e à construção de equipamentos didácticos e museológicos, quer em academias científicas, quer no ensino universitário da medicina.

Para Luís António Verney (1713-1792), no entanto, o figurino institucional a perfilhar para a "utilidade da Republica" só poderia ser aquele em que o dinheiro e a protecção régias assegurassem a oficialização dos novos saberes, isto é, em que - a exemplo de outros governos europeus - fosse possível a consagração do novo paradigma das Luzes (o experimentalismo, o racionalismo e a aceitação do progresso como realidade primordial do espírito humano) conquistando-se o domínio político para os projectos de renovação da cultura portuguesa: "Nam foi senam depois que se abrio, a Academia de Londres no ano de 1662 ou 63, e a de Pariz no 1666, que as Ciencias naturais se continuaram, com empenho: assitindo-lhe os Reis, com o dinheiro e protesám. Dilatou-se ainda mais este costume, porque o Imperador Leopoldo no ano 1670, movido do bom sucesso das duas Academias; fundou tambem, ou, melhor direi, protegeo uma Academia já comesada, com o nome de *Academia dos Curiozos da Natureza*. (...) [Quanto ao ensino na faculdade de medicina] na terceira hora da tarde, deve haver outro leitor de Historia Natural, que explique, nam digo todas as particularidades da Fizica; mas os Simples Exoticos, que podem servir para a Medicina: divididos nos trez

⁴² Cfr. J. S. da Silva Dias, *ob. cit.*, pp. 386 e ss. O poder político haveria de reconhecer oficialmente o contributo pedagógico da obra de Verney, pouco tempo antes da sua morte: "S.M. tendo em attenção ao bem que a tem servido, e servio ao Senhor Rei D. José, seu Augusto Pai, Luiz Antonio Verney, em muitos negocios particulares da maior importancia, e ao zelo com que procurou promover os bons Estudos nestes Reinos por meio dos seus Escritos: houve por bem, por decreto de 11 de Setembro de 1790, condecorallo, e honrallo, nomeando-o Deputado Honorario da Meza da Consciencia e Ordens" (*Gazeta de Lisboa*, 28 de Setembro de 1790).

reinos, Animal, Vegetal, e Mineral (....). Deve alem disto haver leitor de Botanica, como já disse: o qual só explica, dois mezes do ano, na segunda ora de tarde: o que faz no horto Medico, que deve ter a Universidade. No qual seria justo ouvèse tambem, uma caza vizinha, para que em tempo de chuva, ou por outra cauza, podèse nela explicar a materia, aos ouvintes; e fazer as suas disertasoens no principio, e fim de cada ano: como fazem em outros Reinos, e ainda em Roma: a cujas disertasoens vai assistir, alem dos homens doutos, muita nobreza, e cardiais. Parece-me que desta sorte, ficava tudo bem disposto, com decoro da Universidade, e utilidade da Republica" ⁴³.

5. É possível reconstituir o que de mais significativo marcou os primeiros anos da existência do jardim botânico do Paço da Ajuda a partir, fundamentalmente, de dois tipos de testemunhos coevos de indiscutível valor documental: a *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco*, de Domingos Vandelli ⁴⁴; e a correspondência de personalidades e instituições científicas e museológicas europeias com o naturalista paduano ⁴⁵.

Embora redigida com o objectivo imediato de fundamentar o plano de reestruturação económica dos estabelecimentos museológicos da Ajuda decretado

⁴³ Luís António Verney, *Verdadeiro metodo de estudar para ser util à republica, e à igreja*, 1746, t. I, p. 388; t. II, pp. 279-280.

⁴⁴ ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

⁴⁵ Cartas dirigidas a Domingos Vandelli depositadas no AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage) e que se encontram inéditas. Cartas enviadas por Vandelli a outros naturalistas, existentes na British Library, na Linnaen Society e no Arquivo do Real Jardim Botânico de Madrid.

em 1795 ⁴⁶ e, nessa medida, mais preocupada em delinear uma estratégia para o futuro, a *Relação* vandelliana não deixa de se reportar a um quadro histórico, onde a génese e os primeiros anos da instituição são sempre referenciados como legitimadores de um percurso de ilustração de que se assume a herança. Tal como acontece em quase toda a legislação mariana que interfere nas realizações culturais do josefismo/pombalismo, também aqui se denota a preocupação em demonstrar que não se subvertem os princípios originais, que a Viradeira foi apenas, e afinal, uma viragem de superfície e de conjuntura: "(...) na contiguidade do Palacio de Nossa Senhora da Ajuda havia ElRey Meu Senhor e Pay dado hum generoso principio. E querendo que estes uteis Estabelecimentos não so subsistão, mas que progressivamente se augmentem (...)" ⁴⁷.

Aliás, nessa mesma circunstância de reestruturação dos serviços, até os mais rotineiros actos administrativos do Jardim são enquadrados e lidos à luz da matriz fundadora, atitude que não era impeditiva, todavia, de se criticarem os gestos de má gestão do passado, tal como decorre do relatório do Vice-Director sobre o vencimento dos empregados: "A instrucção publica, adquirida nos differentes Gabinetes de Historia Natural, e Jardins Botanicos, que se achão estabelecidos, nas Cidades mais illuminadas da Europa, de que tem rezultado efectivas utilidades ás Artes, Fabricas, e Agricultura, foy sem duvida motivo conducente por que o augusto Pay de V. Mag.e sempre sollicito de felicitar os seus vassallos, mandou estabelecer o Real Muzeu, e Jardim Botânico, contiguos ao Real Palacio da

⁴⁶ Vide "Decreto Real de 27 de Maio de 1795" e "Plano segundo o qual se hao-de escripturar, e fiscalisar methodicamente as Despezas, que se houverem de fazer pela Consignação mensal de quatrocentos mil reis, no Jardim Botânico, Laboratorio, Museo, e Casa do Risco no Real Sítio de Nossa Senhora d'Ajuda" in *Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinaçoes, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratorio Chimico, Musêo, e Casa do Risco (1791-1810)*, MCUL (Museu de Ciência da Universidade de Lisboa), Inv. N.º 55.

⁴⁷ Decreto Real de 27 de Maio de 1795, *ibidem*.

Ajuda, sem delimitação em despeza, porem como desta magnanimidade se abuzasse, divertindo os Dinheiros que se deviaõ despender em estabelecimentos taõ uteis, para diferentes fins; obviou V. Mag.e este mau uso"⁴⁸.

Esta invocação de magnanimidade nas despesas iniciais com a edificação do Jardim Botânico, criticada pelo próprio Pombal ⁴⁹, é compartilhada por Vandelli que, no entanto, dela se desresponsabiliza pela razão, várias vezes argumentada ao longo da *Relação*, de ter sido obrigado a dividir-se pelas actividades universitárias a partir de 1772; além de que terá, atempadamente, alertado as autoridades para a irracionalidade do modelo administrativo adoptado na obra: "na qual (...) se despenderão sommas immensas por falta de economia, pela aplicação de officiaes, e materiaes em outras obras não pertencentes a este Jardim, e por falta de fiscalização das folhas: as quaes desordens e descaminho da real Fazenda por varias vezes tentei de remediar; mas tudo o meu desejo foi inutil" ⁵⁰.

Independentemente da razoabilidade da crítica à componente financeira do projecto (a qual, de resto, se tornará numa sua característica estrutural) importaria, para já, tentar reconhecer quer no discurso, quer na *praxis* das decisões, os objectivos assumidos pelo Poder na definição de funções e de actividades ou, dito de outro modo, saber que caminho foi traçado, do ponto de vista institucional, ao Real Jardim Botânico e, depois, aos restantes estabelecimentos da Ajuda, durante o período da sua fundação e instalação.

⁴⁸ [Alexandre Rodrigues Ferreira], *Relação das Pessoas occupadas no Real Gabinete de Historia Natural, e Jardim Botânico. Seus Nomes, Empregos, Ordenados, ou Jornaes que vencem, e Repartiçoens por onde os vencem. Tudo como nella se declara, (Julho de 1796)*, AHMB, ARF- 24.

⁴⁹ "Carta do Marquez de Pombal ao Bispo de Coimbra Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, em resposta sôbre o plano do Jardim Botânico da Universidade, offerecido, e traçado pelos Lentes de Philosophia Italianos [15 de Outubro de 1773]", *Jornal de Coimbra*, 1820.

⁵⁰ Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado prezente...*[1795].

Neste tipo de pesquisa assume particular importância a identificação das variáveis do lugar, isto é, as características físicas e ambientais do espaço onde se acumulam, conservam, estudam e exibem os espécimes, já que, por definição, o lugar, a tipologia das colecções e os destinatários-fruidores constituem a essência conceptual de uma qualquer instituição museal ⁵¹.

Na verdade, as especificidades do lugar condicionaram persistentemente o cabal cumprimento dos objectivos científicos e museológicos dos estabelecimentos da Ajuda. No Jardim Botânico, por exemplo, o seu traçado foi regulado pela pré-existência de um terreno de propriedade real, o que explica que se transformasse "a Quinta de fructa, e de Hortaliza do Palacio velho da Ajuda em Jardim Botanico" ⁵².

A exiguidade deste espaço conduziu, em parte, a Coroa a impor soluções prevalentemente recreativas em locais originariamente desenhados para investigação botânica e as próprias soluções técnicas, como a da minagem e

⁵¹ "Ogni definizione di museo, anche la più concisa, deve considerare almeno tre elementi coesistenti e fondamentali: il luogo, la collezione ed il fruitore. Le caratteristiche e le interazioni di queste realtà determinano le numerose tipologie dei musei, alla cui specificità non concorrono perciò soltanto le raccolte in quanto tali, ma anche la loro collocazione e la loro destinazione." (Alessandra Rizzi, *Iconografia del Museo*, 1996, p. 132).

⁵² Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado presente...*[1795]. "O Jardim estendeu-se numa área de cerca de três hectares e meio e dividiu-se em dois planos: o primeiro e superior, encostado ao alçado sul do velho palácio constituía, na altura em que o Jardim desempenhava cabalmente a sua função, o 'quadro das classificações e escola prática de Botânica'; o segundo e inferior, destinava-se a culturas experimentais. No plano superior, três lagos de mármore, dois dos quais circulares e outro maior, central, mais trabalhado, com seus repuxos. Duas grandes estufas, encostadas à frontaria sul do palácio, marcavam os extremos nascente e poente desta parte do Jardim. No plano inferior, outros dois lagos circulares, de mármore e na parte central um grande lago, em diversos andares e ricamente ornamentado com esculturas de animais amigos da água, onde era possível cultivar e manter grande número de plantas aquáticas. A nascente e poente era este conjunto dos dois tabuleiros enquadrado por vegetação [o pequeno bosque]" (Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho, *O Jardim Botânico da Ajuda. História da sua evolução. Estado presente do jardim. Projecto de remodelação*, 1948, pp. 24 e ss.) Vide, igualmente, Ayres de Carvalho, *Os três arquitectos da Ajuda*, 1979, pp. 13-35.

gestão das águas, foram prejudicadas pela implantação do Jardim numa área de densa ocupação hortícola, com uma fortíssima componente de consumo aquífero ⁵³.

Assim se explicam os conflitos amplamente documentados com os indesejáveis, mas inevitáveis, vizinhos, e a busca de alargamento do espaço vital do Jardim o que, em dado momento, conduziria à expropriação indemnizada de terrenos contíguos, como sucederá com "a extensão de terra contigua ao Jardim" pertença de João Pedro Maris ⁵⁴.

Nessa ocasião, chegou mesmo a encarar-se a hipótese de mudança para terrenos menos constritores ordenando-se ao Director que apurasse se haveria "na Cerca do Mosteiro de Belem extensão de terreno capaz de se adquirir para a Coroa, e onde com abundancia de agoa se possa formar o Jardim Botânico; devendo igualmente informar-me do resultado desta delligencia" ⁵⁵.

Vandelli referir-se-á eloquentemente, em várias dos seus escritos, a esta circunstância, procurando-lhe soluções expeditas mas nunca praticadas: "Uma

⁵³ A partir de documento depositado no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, ("Despeza do Thezoureiro - Contas do Mestre Armador Pedro Alexandrino Nunes" (1755 a 1776), Caixa 3), Ayres de Carvalho comenta que: "Por este documento se depreende que foi dado incremento à condução de águas para a zona da Ajuda em virtude das novas construções que se erigiam junto ao 'Paço Velho' ou do Conde de Óbidos (....) Pouco resta da grandiosa obra das minas e aquedutos que mais tarde, já no reinado de D. Maria e do Príncipe Regente, se efectuaram na zonas circunvizinhas do Palácio da Ajuda. Pela 'Noticia acerca das Aguas que abastecem os Almojarifados das Reaes Propriedades' podemos apreciar como eram eficientes e numerosas as minas e aquedutos que abasteciam as populações de Belém e da Ajuda. (....) 'Mina do Palácio ou do Penedo', 'Mina dos Marcos ou do Mirante', 'Mina das Sardinheiras', 'Mina do Páteo das Cozinhas', 'Poço das Reaes Cavalariças', 'Poço Novo', 'Mina do Jardim Botânico' (*ob. cit.*, p. 26). 'O primeiro objecto, em que as predictas Autoridades cuidarão quanto ao estabelecimento do Real Jardim, foi fazer minar huma longa e profunda extensão de terreno para obter agua sufficiente, visto que sem ella não podem subsistir Jardins, foi esta em fim com enormes despezas felismente conseguida na abundancia quasi de huma telha, e depois toda encanada para os diversos tanques, que se fizerão nos dois planos do Jardim' (*Resposta de Félix de Avelar Brotero ao officio do Visconde de Vila Nova da Rainha (3 de Maio de 1827)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827).

⁵⁴ Cfr. Livro de Registo dos Decretos [1801], MCUL. O proprietário era "Porteiro da Camara de S. M." (Cfr. Gazeta de Lisboa, 15 de Novembro de 1794, 2º Suplemento).

⁵⁵ *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli (Mafra, 9 de Novembro de 1801)*, AHMB, CN/C-89. Esta diligência não logrará obter resultados práticos.

semelhante colecção de plantas [do horto económico e médico] eu já tinha determinado fazer neste Real Jardim Botânico, como aparece no risco ⁵⁶ e no prefação do catálogo do mesmo feito no ano de 1771 ⁵⁷; mas como nele por causa de fazer-se *passegios* mais agradáveis, se diminuiu o terreno necessário pelas ditas plantas; assim agora o dito não pode conter tantas variedades de plantas, se não estendendo-se até à igreja da Memória, ou fazendo-se este jardim económico em uma das quintas de Alcântara, ou em qualquer outra parte; pela cuja despesa poderia concorrer uma parte do subsídio literário" ⁵⁸.

Esta avaliação crítica do pecado original do Jardim - decorrente da dimensão curiosa e recreativa (logo, mais mundana do que científica) típica de uma dependência de Palácio Real - será aparentemente ultrapassada nas últimas décadas de setecentos (no âmbito da estratégia ministerial de *naturalismo económico*), mas retomada pelas direcções posteriores a Vandelli, dela se servindo avidamente os governos liberais como justificação para a política de progressivo desinvestimento na Ajuda ⁵⁹.

Sirvam de exemplo os textos de dois dos seus responsáveis, Félix de Avelar Brotero (1811-1828) e José de Sá Ferreira Santos do Vale (1834-1837): "O Jardim

⁵⁶ Alude muito provavelmente à *Planta do Jardim Botânico da Ajuda (séc. XVIII)*, AHMOP, D 5C, que é a mais antiga que se conhece.

⁵⁷ Vandelli refere-se ao catálogo intitulado *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum Novis Generibus et Specibus (15 de Janeiro de 1771)*, BN, Códice n.º 3750.

⁵⁸ Domingos Vandelli, *Memoria sobre huma publica instrução agraria [1788]*, AHMOP (Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas), Ministério do Reino, Maço 36/37, (1777-1794).

⁵⁹ Cfr. *Diário das cortes geraes, extraordinarias, e constituintes da nação portugueza, Sessões de 23 de Fevereiro e 10 de Março de 1822; Diário das cortes da nação portugueza. Segunda legislatura, t. I, 1823, Sessões de 11 e 16 de Janeiro, pp. 426-427; 437-439; 490-496; Ofício de Félix de Avelar Brotero ao ministro Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Setembro de 1823), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833); José de Sá Ferreira Santos do Vale, Resumo Historico dos Estabelecimentos Scientificos anexos ao Real Palacio de Nossa Senhora da Ajuda. 11 de Agosto de 1834.*

Botânico e igualmente o Museu contíguos ao Paço da Ajuda forão instituídos por El Rei o Snr. D. José I para instrução e recreio dos Descendentes da Sua Real Dynastia, como bem indica a situação, em que forão fundados" ⁶⁰; "Jardim Botânico. Não sei porque se lhe tenha dado este nome. O seu fundador destinou-o unicam.te p^a Jardim de recreio, como se vê da sua distribuição, e desde esse tempo até hoje assim se tem conservado sem alterar a sua forma primitiva" ⁶¹.

A estreiteza física do espaço fez-se notar ainda mais, se possível, nos outros estabelecimentos, e suas dependências, e essa condicionante haveria de ser lembrada cada vez que se procuraram encontrar justificações para as dificuldades de ordem profissional e científica. A localização destas edificações - a sul do tabuleiro inferior compreendendo ao centro o edifício do Museu e seus anexos, tendo a ambos os lados talhões de terreno que seriam mais tarde utilizados como viveiros - evidencia uma inicial subalternidade funcional face ao projecto maior, o Jardim Botânico, como se tudo o resto gravitasse em torno deste eixo fundante. Aliás, não deixa de ser significativo que a primeira Planta conhecida, datada do século XVIII e geralmente considerada como o seu traço projectual, não contemple senão o desenho do Jardim ⁶².

Aliás, ainda hoje é possível avaliar a exiguidade do espaço dedicado ao Museu, Laboratório, Casa do Risco, Cartório e Livraria, e Armazém. A porta nobre de acesso a estas antigas instalações museais, pelo interior do Jardim,

⁶⁰ Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833).

⁶¹ José de Sá Ferreira Santos do Vale, *ob. cit.*

⁶² Cf. *Planta do Jardim Botânico da Ajuda (séc. XVIII)*, AHMOP, D 5C. Manuel de Azevedo Coutinho, *ob. cit.*, considera que esta Planta reproduz, de facto, um projecto e não o levantamento de existências, na medida em que nela se representam construções que nunca chegaram a fazer-se no Jardim, nomeadamente os "tanques com cascatas".

encontra-se em bom estado de conservação mas, lamentavelmente, o local onde funcionaram até 1836 acha-se muito degradado e, por isso, encerrado ao público⁶³.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALMAÇA, Carlos – “As colecções de conchas em gabinetes e museus de história natural portugueses”, *Açoreana*, nº 7, 1989, pp. 17-24 [conchas no gabinete de D. João V]

ARGENVILLE, Desallier d' - *Conchyologie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestres et fossiles*, Paris, Guillaume de Bure, 1780, 3.ª edição

BARBOSA, Inácio de Vilhena - *Apontamentos para a historia das colecções e dos estudos de zoologia em Portugal*, Lisboa, Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, 1885

“Museus criados em Portugal até ao fim do século XVIII”, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4.ª série, t. IX, vol. 10, 1903, pp. 26-35

⁶³ Sobre os projectos actuais de recuperação e valorização destes espaços, vide: Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares, e Teresa Maria Pires Feveireiro Chambel, *Jardim Botânico da Ajuda. História/Inventariação/Proposta de Recuperação do Material Vegetal*, 1995, vol. 1.

- BOLAÑOS**, María - *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, Gijón, Ediciones Trea, 1997
- BRIGOLA**, João Carlos - *Ciência e Política. Do Pombalismo ao Liberalismo. Francisco Simões Margiochi*, Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à F.C.S.H. da U.N.L., (Policopiada), 1990
- Colecções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora, (Policopiada), 2000
- BURNAY**, Luís Pisani e **MONTEIRO**, António A. - *História da malacologia em Portugal*, Lisboa, Publicações Ocasionais da Sociedade Portuguesa de Malacologia, 1988
- CARVALHO**, Abílio de - “História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX”, in *História e desenvolvimento da ciência em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1987, vol. II, pp. 851-916
- CARVALHO**, Ayres de - *Os três arquitectos da Ajuda. Do 'Rocaille' ao 'Neoclássico'*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1979
- CARVALHO**, Rómulo de - *A história natural em Portugal no século XVIII*, Lisboa, ICALP, 1987
- CENÁCULO**, Frei Manuel do - “As artes, as letras, e as ciências em tempo de el-rei D. João V”, *O Panorama*, vol. 7, 1843, pp. 266-278
- CHAVES**, Castelo Branco (Tradução, prefácio e notas de) - *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989
- COUTINHO**, Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo - *O Jardim Botânico da Ajuda. História da sua evolução. Estado presente do*

- jardim. Projecto de remodelação* (Relatório final do curso de engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista), Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1948
- DIAS**, José Sebastião da Silva – “Portugal e a cultura europeia (séc.s XVI a XVIII)”, *Biblos*, vol. XXVIII, 1952, pp. 203-498
- FERNANDES**, Rogério - *O pensamento pedagógico em Portugal*, Lisboa, Instituto de cultura Portuguesa, 1978
- FERREIRA**, H. Amorim - *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1943
- FINDLEN**, Paula - *Possessing Nature. Museums, collecting and scientific culture in Early Modern Italy*, Berkley, California University Press, 1996
- IMPEY**, O. e **MACGREGOR**, A., *The origins of museums. The cabinet of curiosities in Sixteenth-and Seventeenth-Century Europe*, Oxford, Clarendon Press, 1985
- LAISSUS**, Yves – "Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot ", *Revue d'Histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XXXIV, n.ºs 3-4, 1981, pp. 259-317
- LISBOA**, Baltazar da Silva - *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portuguesa, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1786

- LOUREIRO**, Padre João de - “Memoria sobre huma especie de petrificação animal”, in *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, 1799, t. II, pp. 47-55
- LUGLI**, Adalgisa - *Naturalia et mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkamern d'Europa*, Milão, Mazzotta, 1990
- Museologia*, Milão, Editoriale Jaca Book, 1996
- MOLFINO**, Alessandra Mottola - *Il libro dei musei*, Turim, Umberto Allemandi & C., 1991
- MORÁN**, J. M. e **CHECA**, F. - *El coleccionismo en España. De la camera de maravillas a la galeria de pinturas*, Madrid, Cátedra, 1985
- POMIAN**, Krziysztof - *Collectioneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe - XVIIIe siècle*, Paris, Galimard, 1987
- RIZZI**, Alessandra – “Iconografia del Museo”, in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, Milão, Jaca Book, 1996, pp. 132-136
- SARMENTO**, Jacob de Castro - *Materia medica. Physico-historico-mechanica. Reino mineral*, Londres, 1735
- SCHAER**, Roland - *L'invention des musées*, Paris, Gallimard/Réunion des Musées nationaux, 1993
- VALE**, José de Sá Ferreira Santos do – “Resumo Historico dos Estabelecimentos Scientificos anexos ao Real Palacio de Nossa Senhora da Ajuda. 11 de Agosto de 1834”, in Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho, *ob. cit.*, pp. 43-46

VARALLO, Franca – “Collezionismo e museo”, in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, Milão, Jaca Book, 1996, pp. 58-62

VERNEY, Luís António - *Verdadeiro metodo de estudar para ser util à republica, e à igreja*, Valença, Na Oficina de Antonio Balle, 1746, 2 ts.

VITERBO, Sousa - *A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1908